

SOBRE A QUESTÃO DO SUJEITO EM PAUL RICOEUR¹

ON SUBJECT IN PAUL RICOEUR

Leila Silvia Tourinho²

Enquanto se pensa e se sente o outro, a gente se encontra [...] e o valor do homem está na certeza do outro que ultrapassa o tempo cronológico e o espaço medido, que sabe sentir e pensar.

Ione Menegolla

RESUMO

Este estudo tem por finalidade abordar o pensamento de Paul Ricoeur em relação ao conceito de sujeito, preservando a noção por ele utilizada, de identidade, bem como a ideia de *si-mesmo*. Serão realizadas algumas observações à filosofia do *cogito*, em Descartes e Nietzsche, bem como a proposta ricoeuriana da hermenêutica do si. Serão objetos de atenção mais detalhada nesta pesquisa o prefácio à obra *Soi-même comme un autre* (1990) e o artigo *Identidade narrativa*, uma vez que, esses escritos apresentam um ritmo dialético do sujeito que inclui em si mesmo o próprio outro, e que só pode ser pensado em relação com o outro. Assim, chega-se a uma discussão ética, na qual o sujeito confere sentido à sua ação.

Palavras chave: *idem, ipse*, identidade narrativa, outro, ética, hermenêutica.

ABSTRACT

This study aims to address the thought of Paul Ricoeur related to the concept of subject, preserving the nomenclature and the notion of identity used by him, as well as the idea of *self*. Some remarks concerning to the philosophy of *cogito* in Descartes and Nietzsche and the hermeneutics of the self proposed by the philosopher will be made. A more detailed attention will be given to the preface of *Soi-même comme un autre* (1990) and the article *Narrative and Identity*, once these writings present a dialectic rhythm of the subject that includes in itself the very other, and that can only be thought in its relation with the other. Then, an ethical discussion is held in which the subject gives meaning to its action.

Keywords: *idem, ipse*, narrative identity, others, ethics, hermeneutics.

Introdução

Na perspectiva de Paul Ricoeur³, o problema da subjetividade se vincula a uma crítica do *cogito* e de sua pretensão à certeza imediata e à autotransparência. Uma crítica que não busca eliminar a subjetividade mais sim, perceber suas nuances e exigir uma compreensão mais abrangente do sujeito, como um ser que se constitui pela presença do outro. É na relação com o outro, na construção de diálogos, no estabelecimento de

¹ Artigo recebido em 18/11/2013 e aprovado para publicação em 01/12/2013.

² Mestre em Filosofia pela PUC/SP e Professora de Filosofia da Faculdade Católica de Pouso Alegre/MG. E-mail: silvia.mg@uol.com.br.

³ Conferência apresentada na Jornada de Filosofia “O legado de Paul Ricoeur”, por ocasião do centenário de nascimento do filósofo, evento promovido pela Faculdade Católica de Pouso Alegre em setembro de 2013.

pontes ou em seus distanciamentos que o pensamento do filósofo caminha. Um outro que é ontologicamente constitutivo do sujeito. Nas palavras de Gentil, “Só poderemos compreender o que é o sujeito humano se compreendermos de que maneira esse outro está presente nele de forma assim tão íntima”.⁴ Ricoeur reafirma a existência de um sujeito, no entanto destaca que esse sujeito não é fundamento, nem do conhecimento nem da existência do mundo, e porque não dizer de si próprio. Eis o sujeito ricoeuriano que se abordará a seguir.

1. A questão do *cogito*

*Entregue a si próprio o eu do Cogito é o Sísifo
condenado a subir, a todo instante, o rochedo
de uma certeza na contra-encosta da dúvida.
Paul Ricoeur*

Ricoeur tem como propósito construir uma filosofia reflexiva, num exame ao *cogito* cartesiano, reavaliando o alcance e a significação desse eu que se descobre no ato de pensar. Sua preocupação é manter certa resistência à imediaticidade, à adequação e à apodicidade da filosofia do *cogito* originária de Descartes, enquanto instância fundadora da verdade, uma vez que essas filosofias são tolhidas pelo preconceito cientificista e mostram-se incapazes de esclarecer o que significa conhecer quando o visado é o “si mesmo” e não um objeto do sujeito.

Embasado no estudo de Martial Guérout⁵, nas *Meditações* de Descartes, Ricoeur demonstra o deslocamento que ocorre da primeira verdade do “eu penso” transformada em verdade segunda, e pergunta: quem é este ‘eu’ que conduz a dúvida metódica cartesiana? “O ‘eu’ que conduz a dúvida que se faz reflexiva no *cogito* é tão metafísico e hiperbólico quanto o é a própria dúvida com respeito a todos os seus conteúdos. Na verdade, não é ninguém”⁶.

E o que fica por dizer deste ‘eu’ sem sustentação, que por obstinação se impõe em querer duvidar? Sua motivação se baseia na vontade de encontrar certezas e verdades. A pergunta quem? unida a quem duvida nos leva a outra pergunta, quem pensa? ou quem existe? A indeterminação da resposta conduzida por Descartes declara:

⁴ H. S. Gentil, *A presença do outro*. p. 9.

⁵ M. Guérout, *Descartes selon l'ordre des raisons*, p.87. Citado por P. Ricoeur, *Soi-même comme un autre*, p. 19.

⁶ P. Ricoeur, *Soi-même comme un autre*, p. 16.

“Nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois, falando precisamente, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cuja significação me era anteriormente desconhecida”.⁷ E Descartes continua: “Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente”.⁸

Ricoeur, no percurso dessas investigações retrata que esta enunciação coloca a questão da identidade do sujeito num sentido completamente oposto a da identidade narrativa de uma pessoa concreta. Esse conceito será abordado e analisado mais adiante. A identidade vislumbrada por Descartes trata de uma identidade a-histórica, do ‘eu’ que escapa a alternativa da permanência e das mudanças do tempo, posto que o *cogito* é instantâneo.

Agora se coloca a questão de saber se o “eu existo pensando” se apóia nesta posição de primeira verdade imediatamente conhecida pela reflexão sobre a dúvida. Ricoeur, ainda embasado nos estudos de Guérault, aponta como uma certeza apenas subjetiva, uma vez que, o gênio maligno não garante uma certeza objetiva, que só ocorre no interior do *cogito*, isto é “para meu eu fechado em si próprio” e “somente a demonstração de Deus permitirá responder a questão”.⁹

Parece clara a inversão da ordem de posicionamento do *cogito*, ao se colocar subordinado à veracidade divina, a qual é primeira, segundo a verdade da coisa. O *cogito* seria verdadeiramente absoluto, em todos os aspectos, se puder mostrar que há apenas uma ordem, e que a outra ordem que o faz retroceder a um segundo plano derivaria da primeira, o que não acontece. Cito Ricoeur: “a ideia de mim mesmo aparece profundamente transformada pelo solo feito do reconhecimento desse Outro que causa a presença em mim de sua própria representação. O *cogito* escorrega (*glisse*) para o segundo plano ontológico”.¹⁰

Douek retrata que nessa situação o *cogito* ou bem tem valor de fundamento e é uma verdade estéril, ou então a ideia de perfeito funda o *cogito* em sua imperfeição, fazendo assim sua verdade primeira perder seu teor de fundamento. Kant, entre outros,

⁷ R. Descartes, *Meditações*, p. 102.

⁸ *Ibidem*, p. 103.

⁹ M. Guérault, *Descartes selon l'ordre des raisons*, p. 87. Citado por S. S. Douek, p.18.

¹⁰ P. Ricoeur. *Soi-même comme un autre*, p.20.

situa o *cogito* na primeira alternativa, fundando a si próprio. Com o “eu penso” kantiano que deve poder acompanhar todas as minhas representações foi dado um passo em direção à crítica do conhecimento de si, por dissociar a reflexão do conhecimento de si.

Nesse caminho a hermenêutica toma força com as ideias de Jean Nabert ao ampliar o sentido kantiano de reflexão. Na leitura que Nabert fez de Kant, através de Fichte, a reflexão não seria somente uma crítica do conhecimento, na verdade ela vai além; “é menos uma justificação da ciência e do dever, que uma reapropriação de nosso esforço para existir”¹¹. Essa compreensão da reflexão produz uma reforma no *cogito*, ou seja, descobre-se uma nova dimensão da existência diante de um *cogito* sob suspeita. Será este o trabalho da hermenêutica: a compreensão de si.

Essa crise da subjetividade assume um papel essencial quando Ricoeur se defronta com o ataque de Nietzsche ao *cogito* agora demolido, referindo-se especialmente ao *Nascimento da tragédia, à Verdade e mentira no sentido extra-moral* e aos *Fragmentos* de 1882 e 1884. Nietzsche o analisa à luz da superficialidade e da fragilidade da consciência imediata de si. Ele evidencia o caráter metafórico da linguagem que assim sendo transforma-se numa mentira. As palavras de Mongin ratificam essa ideia:

Tal como não há para Nietzsche “naturalidade não retórica da linguagem”, porquanto esta última é por inteiro figurativa [...], também não há fatos mas tão somente interpretações, e o real pressuposto dá lugar a uma metafórica. Não há fatos, isto é, não há um real que remeta para uma dimensão de verdade. Quando o sujeito não é mais que uma “figura de estilo”, a verdade abraça as máscaras da ilusão.¹²

Douek¹³, ainda complementa que a verdade do *cogito* “eu existo pensando” é também sonho. O gênio maligno de Nietzsche é mais maligno que o de Descartes, uma vez que não há incluso em sua dúvida o instinto de verdade. Para Ricoeur, o “anti-*cogito*” de Nietzsche” não é o inverso do *cogito* cartesiano, mas a destruição da própria questão à qual o *cogito* era convidado a dar uma resposta absoluta. Para Nietzsche, sublinha Ricoeur, a unidade do pensamento é uma unidade arbitrária, atribuída a um substrato do sujeito, a um eu, que se apresenta, ele próprio, como duvidoso.

¹¹ P. Ricoeur. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, op. cit. p. 47. Citado por D. M. Almeida, p. 81.

¹² O. Mongin. *Paul Ricoeur*, p. 154.

¹³ S. S. Douek. *Sujeito e alteridade em Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas*, p. 20.

Nietzsche derruba o *cogito*, levando a uma posição que Ricoeur chama de “*cogito* quebrado”, em que a própria questão que deu origem ao argumento cartesiano, a da certeza possível, tem que ser negada em favor de uma visão de tudo como interpretação, quando não ficção. Eis que surge um grande problema, observa Ricoeur, a possibilidade de tal argumentação sucumbiria a seus próprios golpes.

2. Uma hermenêutica do si

*Todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo.
A obra não passa de uma espécie de instrumento óptico
oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem
ela, não seria certamente visto em si mesmo.
Marcel Proust*

Diante desse *cogito*, nem exaltado e nem quebrado, Ricoeur vai desenvolver é o que ele chama de hermenêutica¹⁴ do ‘si’, que desemboca nas relações desse ‘si’ – desse sujeito – com o mundo que o rodeia e o constitui por inúmeros laços. Como escreve Gagnebin,

À ‘exaltação do *Cogito*’ se opõe um *Cogito* ‘quebrado’ (*brisé*) ou ‘ferido’ (*blesé*) como escreve Ricoeur no prefácio a *Si mesmo com um outro*. Mas essa quebra é, simultaneamente, a apreensão de uma unidade muito maior, mesmo que nunca totalizável pelo sujeito: a unidade que se estabelece, em cada ação, em cada obra, entre o sujeito e o mundo.¹⁵

O sujeito ricoeuriano se diferencia do eu, do ego, da consciência, do *cogito* cartesiano - uma verdade que se põe -, ele é o “si” reflexivo, que se posiciona não como um dado, e sim como uma tarefa ética e hermenêutica a ser vivida. “À pretensão de o *cogito* se constituir como consciência imediatizada, isto é, como fundação última e condição de todo o aparecer, a hermenêutica oporá o projeto de constituição de mediações”.¹⁶ A hermenêutica de Ricoeur faz emergir o fato de que, quando se compreende algo, como, por exemplo, um texto, o mundo, os outros, compreende-se a si-mesmo.

¹⁴ Hermenêutica, pode ser dita como a “arte da leitura”, da interpretação, ou seja, a busca de decifração de sentido que o texto nos possibilita. Paul Ricoeur estendeu a noção de texto para todas as objetificações da existência humana. Uma vida humana é, para ele, análoga a um texto, pois assim como um texto, uma vida expressa um sentido que pode, em princípio, ser explicitado por meio da interpretação – a hermenêutica da condição humana. O problema da leitura e compreensão de um “texto” se torna uma nova metáfora para todos os tipos de compreensão, incluindo a compreensão dos fenômenos sociais e culturais.

¹⁵ J. M. Gagnebin, Uma filosofia do *cogito* ferido: Paul Ricoeur, p. 165

¹⁶ D. M. Almeida, Subjetividade e interpretação: a questão do sujeito, p. 79.

Ricoeur procura manter igual distancia do *cogito* exaltado por Descartes e do *cogito* demolido por Nietzsche. Como alternativa está a hermenêutica do si-mesmo¹⁷, que situa-se além do *cogito* cartesiano e do anti-*cogito* nietzscheiano. Nela, o autor articula a troca do “eu”, pelo si, “troquei o ego, senhor de si mesmo, pelo si, discípulo do texto”¹⁸. É pela utilização do texto como caminho para o conhecimento de si que a filosofia ricoeuriana se separa da filosofia do *cogito*, na qual se ancora um sujeito solipsista, reduzido a si próprio. Aponta-se para uma oposição entre si e o eu (*le soi et le moi*). É esse percurso, composto por três intenções filosóficas, que Ricoeur escolhe como forma de desvio pela narrativa, para tratar a questão da hermenêutica do si:

...os três traços gramaticais evocados anteriormente a saber, o uso do se e do si em casos oblíquos, o desdobramento do mesmo segundo o regime do *idem* e do *ipse*, e a correlação entre si e o outro distinto de si. A estes três traços gramaticais correspondem os três traços principais da hermenêutica do si: o desvio da reflexão mediante a análise, a dialética da ipseidade e da mesmidade e, conseqüente da ipseidade e da alteridade.¹⁹

Estes traços fazem parte dos estudos que compõem a obra *Soi-même comme un Autre*. A todas as asserções relativas à problemática do si será introduzida a pergunta quem? que terá como resposta o si, buscando corresponder a quatro maneiras de interrogar: Quem fala? Quem atua? Quem se narra? Quem é o sujeito moral da imputação?

A questão *quem fala?* diz respeito a uma filosofia da linguagem tanto em seu aspecto semântico quanto pragmático. Aqui Ricoeur dialoga com alguns representantes da filosofia analítica: Frege, Russell, Strawson, Austin, Searle e notadamente Benveniste, que ocupa um importante lugar em sua obra, “por ter percebido o que o estruturalismo perdeu de vista: ‘a implicação do sujeito no discurso’”.²⁰ Como bem retrata Douek, a intenção de Ricoeur não é casar teorias muitas vezes contraditórias entre si, mas pelo recurso à filosofia analítica, marcar o desvio necessário para a hermenêutica do si:

¹⁷ Mongin traduz o “*soi*” ricoeuriano para marcar sua especificidade enquanto conceito central do pensamento do autor. Segundo ele, o “*soi*”, o “si-mesmo” designa para Ricoeur não o sujeito transparente, o *cogito* desencarnado e puro da tradição metafísica, mas em eu corpóreo, relacional e aberto, cuja identidade é fortemente mediada, nomeadamente, pelos signos, símbolos e textos. (Cf. O. Mongin. *Paul Ricoeur*, p.20).

¹⁸ P. Ricoeur, *Autobiografia Intelectual*, p.105.

¹⁹ P. Ricoeur, *Soi-même comme un autre*, p. 28.

²⁰ S. S. Douek, *Sujeito e alteridade em Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas*, p. 23.

O recurso à análise, no sentido dado a este termo pela filosofia analítica, é o preço que se paga por uma hermenêutica caracterizada pelo estatuto indireto da posição do si. Por este primeiro traço, a hermenêutica aparece como uma filosofia do desvio: a meu entender, o desvio pela filosofia analítica é essencialmente mais rico em promessas e resultados.

A questão quem atua? que assume uma completa relação com a precedente, diz respeito a uma filosofia da ação vinculada à uma abordagem pragmática pela filosofia analítica, uma vez que leva em conta o poder de quem praticou a ação designar-se como autor dessa ação. Para Ricoeur essa questão serve como *organon*, pois, a ação feita em enunciados, isto é, em proposições, verbos e frases de ação, diz respeito a um agente da ação que se designa como aquele que atua precisamente nos atos do discurso, em outro sentido, essa relação que anexa essa questão à precedente, faz sentido “quando os próprios atos do discurso são ações e que por implicação, os locutores são também agentes”²¹.

A questão quem se narra? remete à problemática da identidade pessoal ou identidade narrativa que aborda a dialética *idem-ipse* (segundo traço gramatical da hermenêutica do si). Uma problemática recorrente da linguagem e da ação, uma vez que ao falar de si, o sujeito é “sujeito da ação narrada”. Essa questão será objeto de atenção mais detalhada.

A quarta e última questão, quem é o sujeito moral da imputação? aborda as determinações morais e éticas da ação. Ricoeur explora as contribuições da linguagem para a filosofia da ação, melhor dizendo, a linguagem como narrativa herdada da tradição por um sujeito no mundo do discurso ético. A pequena ética (*petite éthique*) como chama o autor compõem-se da perspectiva ética, da norma moral e da sabedoria prática, que é a dimensão propriamente ricoeuriana.

Segundo Rossato, Ricoeur estabelece num primeiro plano a primazia da ética sobre a moral, realçando a perspectiva teleológica da “vida boa” da tradição aristotélica com respeito ao que se impõe como obrigatório, porém isso não deve ofuscar a dialética da perspectiva ética²² passando pelo crivo da norma de tradição kantiana e,

²¹ Ibidem, p. 29.

²²“Chamamos perspectiva ética, a perspectiva da vida boa com e para os outros nas instituições justas”. Ou ainda em outra versão: a ética resume-se à articulação entre a estima de si, a solicitude e as instituições justas. Estes três componentes da estrutura tripartida do predicado *bom* vão complementar

inversamente, que as normas morais, diante de impasses, dilemas se orientem pelo horizonte ético, tudo isso avalizado por um sujeito autônomo, segundo a perspectiva da vida boa. Destaca-se assim a exigência hermenêutica de que o sujeito autônomo seja o intérprete dos valores implícitos nas narrativas.

...no plano moral, o sujeito terá que ser capaz de readaptar as escolhas e as liberdades pessoais aos desafios atuais. Deste modo, se, num primeiro plano, a tradição kantiana fica subordinada à aristotélica, num segundo e terceiros planos, o esforço será em outro sentido: uma tradição terá que complementar a outra.²³

No final da obra *Tempo e Narrativa III*, é tratado o problema da identidade narrativa o que leva Ricoeur a uma reflexão sobre a identidade pessoal, assunto que será o objetivo central em sua obra *Soi-même comme un autre*. A identidade narrativa implica a dialética da *mesmidade* e da *ipseidade* e encontra-se no ponto intermediário da teoria da ação e da teoria moral que manifesta o vínculo entre a hermenêutica de si-mesmo e a narrativa. Para o nosso filósofo dizer a identidade de um indivíduo é responder à questão: quem fez tal ação? Quem é o seu agente, o seu autor? Essa necessidade de designação de um sujeito pede um apoio de permanência, isto é, necessita de algo que seja constante e que seja capaz de justificar o agente da ação como sendo o mesmo ao longo de toda vida. A narrativa é este fundamento essencial que possibilita darmos uma resposta, motivo pelo qual será a base de toda teoria ricoeuriana da ação.

3. A identidade narrativa

*Não podendo se dar na intuição de uma consciência imediata, o si
deve se exteriorizar em atos e em obras.
Olivier Mongin*

Mongin, em seus estudos relata que para Ricoeur não é possível reduzir a interpretação à coincidência de dois espíritos: o do leitor e o do autor, em outras palavras, compreender-se, é compreender-se perante o texto e receber dele as condições

uma similar estrutura triádica do campo moral, referente ao predicado obrigatório, a saber: o respeito (ou obrigação), a norma e os princípios da justiça. (cf. N. D. Rossato. Viver bem: a pequena ética de Paul Ricoeur, p.28.

²³ Ibidem.

de um si-mesmo diferente do eu mesmo que ocorre à leitura. Isso manifesta a relação entre a hermenêutica do si-mesmo, o compreender-se a si mesmo e a narração. Aqui se fundamenta a importância do conceito de identidade narrativa: “*Soi-même comme un autre* não é concebível sem a análise prévia da identidade narrativa, da relação entre o ‘*idem* e o *ipse*’.(...). Ricoeur conseguiu lançar as bases de uma hermenêutica do ‘*si-mesmo*’, graças à temática da identidade narrativa.²⁴

Ricoeur percebe quem sem o auxílio da narração, a identidade pessoal está predestinada a uma contradição sem solução: “ou se coloca um sujeito idêntico a si mesmo na diversidade de seus estados, ou se considera, na esteira de Hume ou de Nietzsche, que esse sujeito idêntico é somente uma ilusão substancialista, cuja eliminação só revela um puro diverso de cognições, de emoções e de volições”²⁵. Esse paradoxo desaparece se trocarmos a identidade entendida no sentido do mesmo (*idem*) pela identidade compreendida no sentido do si-mesmo (*ipse*). Nesse jogo de palavras e sentidos, emerge a diferença entre uma identidade substancial ou formal e uma identidade narrativa. A *ipseidade* não é a *mesmidade*.

Ricoeur ²⁶ retrata que a problemática da identidade pessoal decorre do equívoco no emprego do termo “identidade”, explicando melhor, para ele há uma falta de distinção entre os dois usos do referido termo, no qual o primeiro uso é nomeado de mesmidade, tendo por seu sinônimo a identidade-*idem* - identidade como semelhança - (latim *idem*; francês *mêmeté*, inglês *same*, alemão *gleich*). *Idem* é o idêntico no sentido do extremamente parecido. O segundo uso do termo identidade corresponde a palavra *ipseidade*, a identidade como si (*soi*), também chamada identidade-*ipse*, (latim *ipse*, inglês *self*, alemão *selbst*). *Ipse* é o idêntico a si, no sentido de não estranho.

A identidade-*idem* preenche as características objetivas ou objetivadas do sujeito falante e atuante, enquanto a identidade-*ipse* se mostra mais adequada para caracterizar um sujeito capaz de se designar a si próprio, como o autor de suas palavras e ações, um sujeito não substancial e não imutável e, no entanto responsável pelas suas palavras e ações.²⁷

²⁴ O. Mongin. *Paul Ricoeur*, p. 116

²⁵ P. Ricoeur, *Tempo e Narrativa III*, p. 424.

²⁶ P. Ricoeur, *Soi-même comme un autre*, p. 28; *Narrative Identity*, p. 73.

²⁷ P. Ricoeur, *Autobiografia intelectual*, p.128.

A distinção é capital porque se trata de uma análise da dimensão temporal da identidade da pessoa, o que faz da permanência no tempo a questão primordial. “A *ipseidade* concerne ao aspecto subjetivo desta permanência no tempo e responde, pois, à questão: ‘quem?’”²⁸ Segundo Douek²⁹, a permanência no tempo nos conduz a uma idéia de uma substancia inerente à identidade, porém não é essa idéia que deve ser mantida. A experiência vivida pelas pessoas produz mudanças em seu ser. Somos incapazes de falar de identidade sem a idéia de uma história de vida. Nesse sentido identidade não é apenas mesmidade, mas é também ipseidade³⁰. As duas modalidades da identidade coadunam-se na identidade narrativa. Essa relação é esclarecida pelo próprio Ricoeur numa entrevista concedida a René Major, em Paris, em março de 1990:

O conceito de identidade narrativa é evidentemente essencial. Mas, ao passo que em *Temps et récit* eu coloco-me a questão como essa identidade está relacionada à constituição do tempo (como o tempo humano se estrutura por meio da narrativa?), em *Soi-même comme un autre* o problema do *quem* – da constituição do sujeito – torna-se prioritário. O *si* é posto em primeiro plano. Em *Temps et récit*, a narrativa é, por assim dizer, soberana, ela é a guardiã do tempo e é com o tempo que estou ocupado. Em *Soi-même comme un autre*, a narrativa é apenas um segmento. Eu trato dela como uma transição: a narratividade é uma estrutura de transição entre, por um lado, as estruturas lingüísticas e práxicas, e, por outro lado, a ética. Mais de um terço do livro, de fato, gira em torno da ética. Então, houve um deslocamento para a questão do *quem* – sob suas diferentes formas: quem fala? quem age? quem narra? O problema do tempo, propriamente dito, não desapareceu, mas se reduziu, de certo modo, à questão da manutenção da identidade através do tempo. Questão que, justamente, permitiu-me levar a cabo a distinção entre *idem* e *ipse*, entre a permanência de um núcleo substancial e o caráter não substancial da identidade narrativa.³¹

Paul Ricoeur³² retrata que a questão da manutenção da identidade através do tempo surge no cruzamento entre a mesmidade e a ipseidade, entre a estabilidade que faz que reidentificamos o sujeito como o *mesmo* e a mutabilidade dele como alguém que

²⁸ Dartigues. *Paul Ricoeur: a questão da identidade narrativa*, p. 8.

²⁹ S. S. Douek. *Sujeito e alteridade em Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas*, p. 23.

³⁰ Considerando a clareza e a relevância pedagógica, reescrevo o comentário feito por Douek, a respeito da elucidação oferecida pela Prof^a. Jeanne Marie Gagnebin, em suas aulas, a respeito da diferenciação dos termos mesmidade e *ipseidade*: “*idem* e *ipse* são duas palavras latinas para falar de identidade. Referem-se a coisas e a pessoas. Quando alguém diz: ‘Essa sacola é a mesma que você estava usando naquele dia’, encontramos-nos no âmbito da mesmidade. Situação totalmente diferente se dá nesta pequena conversa telefônica: ‘Alô, quero falar com X. – É ela mesma’: este ‘ela mesma’ significa, justamente, *ipseidade*. *Idem* refere-se a coisas; *ipse* refere-se a pessoas. A *ipseidade* evita que a questão quem, se transforme na questão que. (Cf. S. S. Douek. *Sujeito e alteridade em Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas*, p. 30).

³¹ P. Ricoeur, *Langages. Éthique et responsabilité*, p. 27 *apud* C. R. Nascimento, *Identidade Pessoal em Paul Ricoeur*, p. 53-54.

³² P. Ricoeur. *Narrative identity*, p. 75.

deseja, promete, projeta-se em seus planos de vida. No entanto esse sujeito está inscrito na história, e sua ação pode ser datada, localizada e descrita em um proferimento (Bruno matou Eliza no dia tal e em tal lugar), mas a experiência humana do tempo em que decorreu tal acontecimento só pode ser configurada narrativamente. Daí a necessidade da narrativa para compor uma narrativa de vida capaz de dar coesão às experiências humanas.

É importante perceber que nessa relação estabelecida entre duas realidades ancora um entrelaçamento da história narrada e das qualidades ou características dos agentes dessa história, e como efeito identifica esses agentes, como atuantes dessas ações. Isso posto, ressalta-se a importância que surge no caráter da promessa. Esse prometer, projetar enseja no sujeito a garantia de seu comprometimento, em outras palavras, de sua promessa, que deve se manter a despeito de todas as mudanças. “A este respeito, a manutenção (tênue) da promessa (...) parece constituir um desafio ao tempo, uma negação da mudança; ainda que meu desejo mudasse, ainda que eu mudasse de opinião, de inclinação, ‘eu mantere’”³³. Aqui se coloca a existência do outro, como alguém que conta com a minha palavra. É a garantia da promessa que torna a permanência possível. Segundo Douek, *ipseidade* e promessa estão intrinsecamente ligadas, remetendo necessariamente uma à outra. Porém, não se pode confundir a permanência no tempo que implica a mesmidade e a sustentação de si pela promessa na *ipseidade*: “entre as duas, parece haver um vazio, vazio este preenchido de identidade narrativa”.³⁴ A promessa é feita em um presente que não mais existe, no entanto manter as promessas feitas é resguardar também a palavra (linguagem) e corresponder à confiança que o outro põe na minha fidelidade. Ressalta-se o caráter dinâmico da narrativa, que configura narrativamente a identidade do mesmo e a diversidade da *ipseidade*. Eis a proposta ricoeuriana para uma dialética *idem-ipse*, uma dialética permanência-mudança. Cito Ricoeur.³⁵

Aqui a questão de identidade é deliberadamente proposta como resultado da narração. Conforme minha tese a narrativa constrói a característica durável de um indivíduo que se pode chamar identidade narrativa elaborando o tipo de identidade dinâmica própria à trama que cria a identidade do protagonista na história. É primeiramente na trama, portanto, que devemos buscar pela

³³ P. Ricoeur, *Soi-même comme un autre*, p. 149 apud S. S. Douek, *Sujeito e alteridade em Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas*, p. 31.

³⁴ S. S. Douek, *Sujeito e alteridade em Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas*, p. 33.

³⁵ P. Ricoeur, *Narrative identity*, p. 77-78.

mediação entre permanência e mudança, antes de ser capaz de transferi-lo para a personagem. A vantagem deste desvio através da trama é que ela oferece o modelo da concordância discordante sobre a qual é possível construir a identidade narrativa de um personagem. A identidade narrativa deste personagem somente será conhecida correlativa à concordância discordante da história em si.

O que se pode entender dessas palavras? O sujeito é compreendido como uma personagem da narrativa, portanto não distinto de “suas” experiências, ou seja, os acontecimentos, os quais o sujeito experiencia, são configurados pela narrativa resultando em uma história relatada que teve origem na identidade dinâmica da história de sua vida, da qual foi protagonista. A narrativa, assim, constrói a identidade do personagem, a qual é chamada identidade narrativa, que, por sua vez, constrói a identidade da história relatada. Dartigues³⁶ ao retratar a identidade narrativa como mediação entre mesmidade e *ipseidade*, o faz com as seguintes palavras:

O que constitui a diferença entre duas realidades objetivamente idênticas, dois objetos mais precisamente duas pessoas, é sua história respectiva, o que se pode contar de cada uma delas. A narrativa tem, pois, a despeito das dificuldades de se achar um substrato identificativo, a virtude de manifestar a identidade pessoal. A função de identificação da narrativa provém de esta última estabelecer uma conexão, e, pois, uma unidade, entre acontecimentos à primeira vista díspares.

Ricoeur confere grande importância à relação texto e leitor. Gagnebin, salienta que esses dois mundos – obra e intérprete, devem ser refletidos. Cito suas palavras:³⁷

A dinâmica da compreensão comporta, porém, certo apagamento do intérprete em favor da obra; uma ‘desapropriação de si’ para deixar o texto, por exemplo, nos interpelar na sua estranheza e não só nos tranquilizar naquilo que nele projetamos, mas também produzir, graças ao confronto entre o universo do intérprete e o universo interpretado, uma transformação de ambos.(...) O processo hermenêutico (...) desapropria duplamente o sujeito da interpretação: obriga-o a uma ascese primeira diante da alteridade da obra; e, num segundo momento, desaloja-o de sua identidade primeira para abri-lo a novas possibilidades de *habitar o mundo*.

Ricoeur,³⁸ formula que no plano da configuração narrativa há uma reverberação da figuração do si cotidiano e concreto. “Na aplicação da literatura à vida o que transferimos e transpomos na exegese de nós mesmos é a dialética do *ipse* e do *idem*”. Segundo nosso autor, refiguração pela narrativa vai além do domínio narrativo, onde o

³⁶ A. Dartigues, Paul Ricoeur: a questão da identidade narrativa, p. 11-12.

³⁷ J. M. Gagnebin, Uma filosofia do *cogito* ferido: Paul Ricoeur, p. 167-168.

³⁸ P. Ricoeur, Narrative identity, p. 79-80.

si não conhece imediatamente a si mesmo, mas apenas através dos desvios dos signos culturais. “A mediação narrativa sublinha este aspecto marcante sobre o conhecimento de si como sendo uma interpretação”. A interpretação narrativa irrompe o caráter de ‘figura’ do personagem, isto faz com que o “si narrativamente interpretado, se encontre ser ele mesmo um si figurado – um si que se figura ele mesmo como este ou esta”.

Ricoeur faz da narração um ato não isento de julgamento moral. A narrativa contém implicações éticas de forma que às ações narradas, se somam julgamentos, elogios ou censuras. Um texto ao ser lido invoca julgamentos morais em uma experiência entre ele e as múltiplas interpretações imaginativas hipotéticas. Embora ciente disso, Ricoeur reconhece que a ficção literária apresenta casos embaraçosos a ponto de dizermos que a posse da identidade não seja o que importa, o que não implica em declarar a questão indeterminada. As variações imaginativas da ficção literária sobre os casos de dissolução da identidade exibem seu principal exemplo em *O homem sem qualidades* de Robert Musil. Ainda que a personagem de Musil diga, “eu não sou nada”, por mais que se trate de um *si* sem o suporte da *mesmidade*, isso ainda lhe diz respeito. Em outras palavras, apesar de que a identidade possa ser exposta a sua própria “nudez” (*nudité*), a pergunta *quem sou eu?* permanece à procura de resposta.

Considerações finais

Dartigues salienta que para Ricoeur a narrativa que permite ao sujeito identificar-se não é somente aquela que o sujeito faz de si próprio, na autobiografia, mas também toda narrativa histórica ou ficcional, que ele interroga como um espelho, que lhe retorna como uma imagem de si próprio. “A identidade buscada nessas narrativas não é a de um ‘eu’ isolado, mas de um ‘si’ que interfere com uma identidade coletiva e se amplia, pois, à de um nós”³⁹. Assim sendo, o si da consciência de si não é o da intuição imediata de si, no seu componente narcísico, mas sim fruto de uma vida examinada, que nas palavras de Gagnebin “passa necessariamente (...) pela análise dos signos e da obras que encontramos no mundo e que precedem nossa existência individual”⁴⁰.

³⁹ A. Dartigues, Paul Ricoeur: a questão da identidade narrativa, p. 18.

⁴⁰ J. M. Gagnebin, Uma filosofia do *cogito* ferido: Paul Ricoeur, p. 170.

Diante dessas definições e inovações da noção de identidade observo nesse breve percurso que Ricoeur elabora sobre o problema da identidade narrativa uma teoria da subjetividade que aborda o sujeito em sua integridade. Percebo que nosso autor lança em sua obra *Soi-même comme un autre* três enfoques distintos: gnosiológico, ético e ontológico. Por um lado, pensa o sujeito desde uma perspectiva epistêmica a partir da qual este se revela como um ser capaz de mediar através dos signos culturais um conhecimento de si. Por outro lado o situa e o ancora historicamente como um sujeito passível de imputação moral e finalmente pretende abordá-lo dentro do problema da inter-subjetividade ao colocar o ‘outro’ dentro da dialética interna que o constitui.

Opaco, situado, responsável, biográfico, dialógico, temporal. A aposta depositada no sujeito parece ser sua marca registrada. Para Ricoeur,

O si do conhecimento de si é o fruto de uma vida examinada, segundo a palavra de Sócrates na Apologia. Ora, uma vida examinada é, em grande parte, uma vida depurada, clarificada pelos efeitos catárticos das narrativas tanto históricas quanto fictícias veiculadas por nossa cultura. A *ipseidade* é assim a de um si instruído pelas obras que ele aplicou a si próprio⁴¹.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Danilo Di Manno. Subjetividade e interpretação: a questão do sujeito. In: CÉSAR, C. M. (Org.). **Paul Ricoeur – Ensaios**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 77 – 93.
- CÉSAR, Constança Marcondes. A ontologia hermenêutica de Paul Ricoeur. In: **Revista Reflexão**, Campinas, n. 71, p. 11-17, mai/ago, 1998.
- DARTIGUES, André. Paul Ricoeur e a questão da identidade narrativa. In: CÉSAR, C. M. (Org.). **Paul Ricoeur – Ensaios**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 7 – 25.
- DESCARTES, René. **Meditações. Discurso do Método. Meditações. Objeções e respostas. As paixões da alma**. Trad.: B. Prado Jr. e J. Guinsburg. Prefácio e notas Gérard Lebrun. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).
- DOUEK, Sybil Safdie. **Sujeito e alteridade em Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas: proximidades e distâncias**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

⁴¹ Ricoeur. Temps et Récit III, p. 443-444 *apud* Douek. *Sujeito e alteridade em Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas*, p. 37.

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Uma filosofia do *cogito* ferido: Paul Ricoeur. In: _____. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 163-178.
- GENTIL, Hélio Salles. Paul Ricoeur: a presença do outro. **Mente, Cérebro e Filosofia**. n. 11, s/d., p. 7-15.
- MAJOR, René. Entretien avec Paul Ricoeur. Langages. Éthique et responsabilité – Paul Ricoeur. Boudry-Neuchâtel: Editions de la Baconnière, 1994, p. 11–35. *Apud*
- MONGIN, Olivier. **Paul Ricoeur**: as fronteiras da filosofia. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- NASCIMENTO, Cláudio Reichert. **Identidade Pessoal em Paul Ricoeur**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, 2009.
- PELLAUER, David. **Compreender Ricoeur**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- RICOEUR, Paul. Autobiografia Intelectual. In: _____. **Da metafísica à moral**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- _____. Narrative identity. **Philosophy Today**, 35:1, 1991, p. 73 – 81.
- _____. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990.
- _____. **Tempo e Narrativa III**. São Paulo: Papirus, 1997.
- ROSSATO, Noeli Dutra. Viver bem: a pequena ética de Paul Ricoeur. **Mente, Cérebro e Filosofia**. n. 11, s/d., p. 26 – 33.